

# **Semelhanças entre o hinduísmo e a filosofia de Arthur Schopenhauer.**

*Juliana Vannucchi<sup>1</sup>*

## **RESUMO**

Este artigo se propõe a realizar algumas considerações reflexivas e comparativas a respeito de certos aspectos da filosofia schopenhaueriana e de determinados elementos presentes na literatura hindu. Para isso, primeiramente, serão feitas breves explicações referentes aos conceitos de vontade e representação, para que então seja apresentado introdutoriamente o hinduísmo, uma das religiões mais antigas e que ainda se faz fortemente presente no mundo contemporâneo, sendo a terceira com maior número de adeptos. Sequencialmente, algumas analogias serão tecidas e examinadas. Nesse âmbito, o texto se atém especialmente a uma comparação entre o conceito de representação e o véu de Maya e entre Brahman e Vontade, além de identificar a presença do desejo como um componente que reveste tanto a filosofia de Arthur Schopenhauer quanto o hinduísmo.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Arthur Schopenhauer; Hinduísmo; O mundo como Vontade e como Representação.

---

<sup>1</sup> Graduada em Filosofia pela Universidade de Sorocaba (UNISO) e pós-graduada em pedagogia pelo SENAC. E-mail: [julianavannucchi@outlook.com](mailto:julianavannucchi@outlook.com).  
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5859893194375220>.

# Similarities between Hinduism and the philosophy of Arthur Schopenhauer.

## ABSTRACT

This article aims to reflect on certain aspects of Schopenhauer's philosophy and to make considerations on some existing elements of the Hindu literature in Schopenhauer's *magnum opus*. Firstly, it makes a brief explanation referring to the Schopenhauerian concepts of 'will' and 'representation'. Secondly, it introduces the Hinduism, one of the oldest religions, still strongly present in the contemporary world and with the third largest followers. Sequentially, some analogies are presented and examined. In this context, the text focuses especially on a comparison between the concept of representation and the veil of Maya, and between Brahman and Will. Furthermore, the paper identifies that the notion of desire is as a component presented in the philosophy of Arthur Schopenhauer and in the Hinduism.

## KEYWORDS

Arthur Schopenhauer; Hinduism; The World as Will and Representation.

## Introdução

Para Arthur Schopenhauer, o mundo é Vontade, isto é, essência, coisa-em-si e representação – ou fenômeno –, que consiste na aparição da Vontade, ou seja, aquilo que aparece diante da consciência a partir da relação necessária entre sujeito e objeto. Pode-se dizer que esse é o núcleo da filosofia schopenhaueriana e o ponto de partida do qual sua vasta obra se desdobra.

O presente artigo se atém a comparações entre a filosofia schopenhaueriana e o hinduísmo, que apesar de ser uma das religiões mais antigas que existem, permanece fortemente presente no mundo contemporâneo, tendo influências que se estendem por todo o globo e se refletem em diversas sociedades e culturas.

Nesta breve nota introdutória, torna-se válido mencionar que ao longo de *O mundo como vontade e como representação*, o próprio filósofo faz referências a respeito da religião em questão e tece algumas comparações entre sua filosofia e conceitos presentes no hinduísmo<sup>2</sup>, admitindo (2013, p. 318), inclusive, que a mitologia indiana é a mais sábia de todas e declarando no apêndice do livro que os escritos sagrados dos hindus foram influência significativa para o desenvolvimento de sua filosofia. Pode-se dizer que, além da aproximação com essa referida religião, há várias confluências entre sua obra e outras literaturas orientais, tais como o taoísmo e o budismo. O presente artigo se atém, contudo, especificamente a comparações reflexivas entre os conceitos de Vontade e Brahman, e representação e véu de Maya, além de apresentar a maneira pela qual o desejo se apresenta como fonte de sofrimento, tanto no contexto da filosofia schopenhaueriana quanto no hinduísmo. Para tal, inicialmente serão feitos apontamentos referentes aos principais conceitos da filosofia schopenhaueriana, na sequência o hinduísmo e, posteriormente a confluência entre ambos será explorada.

### 1. Sobre a vontade e a representação: Pilares da filosofia Schopenhauriana

---

<sup>2</sup> Exemplos dessas constatações podem ser encontrados em várias passagens da obra *O mundo como vontade e como representação*. Ao final da edição do primeiro tomo, que está sendo utilizada para a elaboração deste artigo, consta um índice de assuntos que possibilita ao leitor consultas sobre abordagens de temas como os Upanishads, os Vedas e os hindus, que se fazem presentes ao longo do livro. Por sua vez, no índice remissivo do tomo II, encontram-se, por exemplo, palavras como Bhagavad-Gita e Brahman, que reforçam a observação feita em nossa introdução, referente às citações e comparações que o próprio Schopenhauer faz entre seu sistema filosófico e o hinduísmo. Torna-se válido esclarecer que esse tema será melhor explorado adiante.

## 1.1 Representação

O Livro I da obra *O mundo como vontade e como representação* tem como enfoque a teoria do conhecimento schopenhaueriana, que possui grande influência do legado kantiano. Nessa parte inicial de sua abordagem filosófica, explora-se o conceito de representação que, conforme esclarecido anteriormente, consiste num dos pilares da filosofia de Arthur Schopenhauer.

A representação, em suma, pode ser definida como a aparência da coisa-em-si<sup>3</sup> – portanto, da Vontade – e irá se estabelecer a partir de duas metades inseparáveis que possibilitam a experiência, a saber: o sujeito (o qual conhece e também é conhecido) e o objeto (que corresponde ao que se conhece), que engendram uma relação necessária entre si. Dessa forma, o mundo pode ser compreendido como representação de quem representa. Essa é uma verdade que vale para todos os seres dotados de aparelhos sensoriais, embora apenas o ser humano seja capaz de ter consciência disso:

Torna-se lhe claro e certo que não se conhece Sol algum nem terra alguma, mas sempre apenas um olho que vê um Sol, uma mão que toca uma Terra; que todo o mundo que o cerca existe apenas como representação, isto é, tão somente em relação a outrem, aquele que representa, que é ele mesmo. (SCHOPENHAUER, 2013, p. 3).

Nesse sentido, pode-se dizer que todos os objetos são construções do entendimento que, por sua vez, consiste na atividade cerebral. Essa, junto com a razão, contando com a atuação dos sentidos (especialmente a visão) e operando por intermédio das formas inatas de intuição do sujeito, compostas por espaço, tempo e causalidade, produzem em conjunto o conhecimento do mundo. Assim sendo, o mundo enquanto representação é considerado um efetivar do sujeito a partir das sensações que este recebe e que passarão por um processo de atividade fisiológica cerebral. É justamente por isso que o mundo é uma “representação daquele que representa”, pois ele está na consciência de cada sujeito, sendo aquilo que pode ser conhecido por ele e existindo a partir dessa mencionada relação entre sujeito e objeto, não havendo objeto sem sujeito nem sujeito sem objeto.

---

<sup>3</sup> Foi por influência da doutrina de Immanuel Kant que Schopenhauer utilizou a expressão "coisa-em-si". Segundo Kant, o mundo fenomênico - ou mundo da experiência - possui suas próprias leis e determinações que, no entanto, não fazem parte da coisa-em-si (que Kant denomina como "*númeno*"). Ao nosso conhecimento, portanto, cabe somente o fenômeno que está em conformidade com as nossas estruturas de sensibilidade e suas formas a priori do tempo e do espaço e do entendimento, que é composto por doze categorias. Nesse sentido, portanto, a coisa-em-si, para Kant é incognoscível. Aqui, note-se uma diferença significativa entre os dois filósofos: Schopenhauer reconhece a coisa-em-si como sendo a Vontade.

Considerando as observações anteriormente feitas, tenha-se em mente que tanto o corpo quanto os objetos desse mundo são representações que se caracterizam pela mudança e pela pluralidade de suas aparências. Embora o mundo enquanto representação seja objeto de conhecimento das ciências, Schopenhauer (2013, p. 142) acentua em sua obra que há um limite no conhecimento fornecido pela morfologia e pela etiologia, ou seja, existe algo a mais além daquilo que se pode conhecer nos fenômenos, algo que ultrapassa a fronteira com a qual a ciência necessariamente se depara, pois tanto a etiologia quanto a morfologia mostram apenas “como” e não o “que” da aparência. Uma vez que há algo que é inacessível às ciências, há sempre uma necessidade metafísica que não é satisfeita por essa forma de conhecimento. Isso significa que existe algo que se encontra além da representação, portanto, do princípio de razão e que, em última instância, não se explica pelo ramo científico. Trata-se de uma essência que se configura em todo o mundo fenomênico e que faz com que as coisas sejam tais como são, mas que é ela mesma diferente delas.

Essa propriedade do mundo é a Vontade, que consiste naquilo que atribui sentido às coisas e que, por sua vez, encontra-se inteiramente fora do princípio de razão, fora das aparências e é, portanto, inteiramente diferente da representação:

Aparência se chama representação, e nada mais: toda representação, não importa seu tipo, todo OBJETO é APARÊNCIA. Por sua vez, COISA EM SI é apenas a VONTADE: como tal não é absolutamente representação, mas *toto genere* diferente dela: toda representação, todo objeto, é aparência, a visibilidade, a OBJETIDADE da vontade. (SCHOPENHAUER, 2013, p. 128).

## 1.2 Vontade

Há, portanto, conforme visto, uma significação no mundo, algo que se oculta na representação, mas que em gênero é inteira e absolutamente diferente dela, que é livre das formas que engendram a aparência e que, distintamente dela, não se submete às figuras puras do princípio de razão. Trata-se da Vontade, abordada no Livro II e que é, portanto, a essência mais íntima de tudo o que existe na natureza e que se faz presente no núcleo dos reinos orgânico, inorgânico e animal, atingindo seu grau máximo de expressão no ser humano, cujo corpo é Vontade tornada visível – ou objetidade<sup>4</sup> da Vontade.

A Vontade, enquanto coisa-em-si é eterna, é um ímpeto cego, sem fundamento e

---

<sup>4</sup> As Ideias, em suma, podem ser compreendidas como objetidades imediatas da Vontade, isto é, arquétipos eternos das coisas que entram em cena manifestando-se em diversos graus pelos quais se expressam na representação. Schopenhauer (2001, p. 30) afirma que "esses graus são exatamente as Ideias de Platão".

indestrutível. É a fonte primordial de todas as funções vitais que se expressam no mundo aparente e é responsável por condicionar todo tipo de organismo, sendo ela o núcleo de cada particular. A Vontade se faz presente em tudo: na correnteza que move as águas, nos vegetais, no movimento das plantas, no céu estrelado, na gravidade, nas pedras, na força que faz com que os cristais se solidifiquem, na atração sexual e, enfim, em todos os elementos e, muito embora, se manifeste de maneira diferente em todos eles, enquanto essência está presente em tudo. Logo, em cada aparência existe Vontade. Dessa forma, tanto na força da natureza quanto nas ações humanas ela se manifesta. No caso do corpo que, conforme dito, é Vontade tornada visível, ela se mostra nos atos voluntários e involuntários, enquanto em outros elementos naturais atua de maneiras distintas. Ainda que essa Vontade seja diferente da representação, que é seu reflexo, ela pode ser percebida no corpo e reconhecida em toda natureza:

Reconhecerá a mesma vontade como essência mais íntima não apenas das aparências inteiramente semelhantes a sua, ou seja, seres humanos e animais, porém a reflexão continuada o levará a reconhecer que também a força que vegeta e palpita na planta, sim, a força que forma o cristal, que gira a agulha magnética para o polo norte, que irrompe do choque de dois metais heterogêneos, que aparece nas afinidades eletivas dos materiais como atração e repulsão, sim, a própria gravidade que atua poderosamente em toda matéria, atraindo a pedra para a terra e a Terra para o Sol, - tudo isso é diferente apenas na aparência, mas conforme sua essência em si é para se reconhecer como aquilo conhecido imediatamente de maneira tão íntima e melhor que qualquer outra coisa e que, ali onde aparece do modo mais nítido, chama-se VONTADE”. (SCHOPENHAUER, 2013, p. 128).

Conforme foi abordado, essa essência íntima do mundo atua de maneira diferente nos variados elementos da natureza. Para uma melhor compreensão a respeito da forma como a Vontade se exprime na natureza, analisemos brevemente sua manifestação nas plantas. Schopenhauer escreve, ao discorrer sobre a fisiologia vegetal, que nas plantas a Vontade se expressa através de estímulos, substituindo diretamente a cognição que se faz presente no ser humano (e ao mesmo tempo, equivalendo-se a ela). A cognição, por sua vez, existe no homem para fins de manutenção porque, ao contrário de outros seres da natureza, ele possui uma quantidade maior de carências e, por essa mesma razão, é dotado de um sistema sensorial e de um intelecto, e isso significa que as plantas possuem menos carências e, conseqüentemente, não necessitam de capacidade cognitiva:

O serviço prestado aos animais e homens pela cognição como meio dos motivos é prestado às plantas pela receptividade a estímulos [...] pois é unicamente por consequência de nos animais, devido a suas carências, a receptividade para impressões externas ter se elevado a ponto de exigir o desenvolvimento [...] de

um cérebro que surge, como uma função desse cérebro, a consciência [...]”.  
(SCHOPENHAUER, 2013, p. 125).

Neste ponto, levando em conta o contexto de nossa abordagem, é pertinente discorrer sobre o conceito de Ideia, compreendida num sentido propriamente platônico<sup>5</sup>, que pode ser definida como uma objetivação imediata na qual a Vontade se distribui em graus variados e eternos, consistindo, dessa forma, numa representação que, contudo, não se encontra submetida às três formas apriorísticas de conhecimento, ou seja, é independente do espaço, do tempo e da causalidade. As Ideias conservam formas essenciais, arquétipos, permanentes e universais, compondo as diversas espécies da natureza. Conforme Schopenhauer escreve: “A Ideia é a Vontade assim que esta se tornou objeto, contudo, ainda não entrou no espaço, no tempo e na causalidade. Espaço, tempo e causalidade não concernem à Ideia, tampouco à Vontade”. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 34). Dessa forma, o mundo enquanto representação pode ser entendido como fenômeno das ideias na pluralidade, sendo que essa forma de representação que é independente do princípio da razão será objeto da arte.

## 2. O Hinduísmo

O hinduísmo é uma das religiões mais antigas do mundo e é a terceira com maior número de adeptos, sendo que a maior parte de seus seguidores vive na Índia, país no qual 80% da população é hinduísta. Dessa forma, é conseqüentemente uma religião bastante influente no mundo contemporâneo. Além da Índia, há também muitos adeptos em outros países, tais como Sri Lanka e Nepal, além, é claro, de haver seguidores espalhados por vários outros lugares.

Um de seus aspectos mais importantes, que difere o hinduísmo de tantas outras religiões, é o fato de não possuir um fundador específico. Ademais, existem vertentes diferentes que compõem o hinduísmo e, por isso, é difícil definir essa religião de uma maneira objetiva. Todavia, ainda que existam várias vertentes do hinduísmo, há alguns pontos-chave dessa tradição religiosa que são importantes para todos os praticantes, e um deles é a crença no ciclo de nascimento, morte e renascimento, diante do qual alma é eterna, enquanto o corpo é peregrino e finito. Assim, quando uma pessoa falece, sua alma permanece viva e ocupará outro corpo. No

---

<sup>5</sup> De acordo com Jair Barboza, tradutor da edição de *O mundo como vontade e representação*, que foi utilizada como base para a elaboração do presente artigo, a palavra "objetividade" é a tradução adequada para a palavra alemã "Objektivität", neologismo criado por Schopenhauer e que, por vezes, gera certa confusão sendo inadequadamente traduzido como "objetividade" (cujo termo em alemão corresponde a "Objektivität"), palavra que desvia o significado adequado do termo utilizado por Arthur Schopenhauer, que a emprega para mostrar que o corpo é objeto da Vontade.

*Bhagavad Gita* (2014, p. 28), texto que consiste numa parte do *Mahabharata* e que é um dos mais importantes de toda a literatura hindu, está escrito que a alma ocupa temporariamente um determinado corpo material. Esse, no devido tempo, chegará a um fim, enquanto ela, que é perpétua, eterna e real, seguirá em outras encarnações. Nesse contexto, há um conceito muito importante no contexto hinduísta presente no *Bhagavad Gita*, que é o “atma”, correspondente ao eu real e eterno, ou seja, à consciência divina que existe em cada um e que não se desfaz com o cessar do corpo físico. Atma é a manifestação de Brahman que, por sua vez, é a realidade suprema e originária, a essência que integra todas as coisas que constituem a natureza.

Esse referido ciclo sucessivo de nascimento e reencarnação é conhecido como “samsara”, e chama-se “moksha” a libertação dessa contínua repetição de morte e nascimento. Nesse contexto, insere-se um outro termo importante, “Maya”, que expressa a ideia de ilusão, de que por trás de toda a realidade material fundamenta-se um princípio primeiro que a constitui (Brahman) que, em última instância, é a verdadeira natureza de tudo o que há na matéria. Portanto, o princípio essencial de todo o universo está justamente além de Maya e, dessa maneira, não se esgota nas ilusões mundanas e transitórias que tão constantemente envolvem o homem, fazendo com que ele acredite que apenas elas são reais.

## 2.1 Semelhanças entre o hinduísmo e a filosofia de Arthur Schopenhauer

Sabe-se, conforme mencionado na introdução, que Arthur Schopenhauer teve influência e contato com as principais filosofias orientais. Em algumas passagens de sua obra magna, *O mundo como Vontade e como Representação*, o próprio filósofo faz menção às correspondências existentes entre certos aspectos de seu pensamento filosófico e traços presentes nos Vedas, que consistem num conjunto de textos hindus. Além de citar tais textos, alude também a outros termos que compõem o hinduísmo, mencionado, por exemplo, Vishnu e Brahma, divindades que formam a *trimurti* (tríade composta pelos principais deuses hindus). Considerando essa aproximação de Schopenhauer com tais filosofias orientais, iremos nos ater a três similaridades nas relações estruturais presentes especificamente no hinduísmo e no sistema filosófico schopenhaueriano, a saber: semelhanças entre o conceito de Vontade e de Brahman, entre representação e Maya e a similaridade do significado dos desejos no hinduísmo e na filosofia schopenhaueriana.

É notável que, tanto na literatura hinduísta quanto na obra do pensador alemão, há a compreensão de que o mundo é composto por dois aspectos, sendo um deles uma essência íntima que confere forma e existência a toda a matéria e seus variados componentes e



pluralidades (algo, por assim dizer, macrocósmico); e o segundo, uma aparência (por sua vez, algo microcósmico), por trás da qual opera essa essência única, que é precisamente esse referido princípio do qual tal aparência é reflexo. Para Schopenhauer, esse reflexo da realidade primeira chama-se representação, enquanto para o hinduísmo, a realidade aparente e ilusória chama-se Maya (ou *māyā* em sânscrito). Segundo o filósofo (2013, p. 9), Maya é justamente o véu da ilusão que engana e turva os sentidos humanos, fazendo com que o homem viva numa espécie de sonho, ou seja, imerso em algo que não corresponde ao real das coisas, nesse sentido se assemelha ao seu conceito de representação. Além dela, reside aquilo que lhe é exterior o núcleo que a origina e que nada mais é do que o verdadeiro conteúdo de tudo o que se faz presente na natureza. Essa essência, esse algo a mais que se oculta por trás do mundo visível, consiste na verdadeira matriz a partir da qual o mundo aparente é criado. Essa realidade última, sempre fora das formas do tempo e do espaço que tangem nossa realidade – ou véu de Maya –, de acordo com o hinduísmo chama-se Brahman, que é o princípio último, a verdade que está além da ilusão do mundo dos sentidos. Entretanto, apesar de ser fundamentalmente diferente do mundo fenomênico, é importante notar que Brahman também está presente em tudo que compõe essa realidade ilusória, sendo que há, dessa forma, uma mesma essência que penetra em toda a vida e em todas as coisas (2006). Ora, aqui surge mais uma notável semelhança com a Vontade, afinal, ela também é a essência íntima do mundo, é a raiz da qual tudo emana e que se faz presente em todos os elementos da natureza.

Brahman (2001, p. 48) é, assim, aquilo que se oculta no mundo material, que cria a realidade aparente dotada de pluralismos, enquanto ele mesmo está fora dos limites desse mundo fenomênico que é sempre caracterizado pela transitoriedade e pelo contraste das forças opostas. No *Bhagavad Gita* se esclarece que os acidentes e alternâncias do fenômeno não afetam a essência, apenas a aparência nas quais ela penetra. O princípio, isto é, aquilo que há de mais real e que está presente em tudo, é imperecível, permanente, inalterável e indestrutível. No que concerne à filosofia de Schopenhauer, conforme abordado já no início do presente texto, existe também uma essência que compõe a natureza, que aparece na representação, mas que é *toto genere* diferente dela: a Vontade.

Além da aproximação acima exposta, no *Bhagavad Gita* (2006, p. 40) cita-se que no mundo fenomênico os sentidos geram desejos e estes são inimigos capazes de dominar o ser humano, deixando-o mentalmente confuso e perturbado, perdido em suas ações, desencadeando, dessa maneira, sofrimento. Esses desejos cuja satisfação é sempre objeto de conquista são sempre frequentes no mundo material e continuamente escravizam o homem, tirando-lhe a paz e a felicidade. Ora, aqui podemos encontrar mais um possível paralelo

existente entre o hinduísmo e a filosofia schopenhaueriana, pois de acordo com o pensador alemão (2014, p. 39), estamos sempre querendo algo e sendo assolados por uma série de desejos para os quais não há satisfação duradoura. Quando se atende a um, tão logo surgem inúmeros outros em seu lugar, já que a satisfação de um determinado desejo consiste apenas num prazer temporário e, por outro lado, se os atendemos, somos lançados ao tédio. A existência, portanto, é caracterizada por uma sucessão de interesses e desejos oriundos da Vontade que se desdobram em sofrimento, pois conforme Schopenhauer, querer é sofrer, e como viver é querer, então a vida toda é essencialmente dor. A Vontade nos condiciona a querer sempre mais, nos inseri num ciclo de desejos que não cessa e, assim, torna a existência repleta de dores, tormentos e desgostos. Nesse cenário, a filosofia de Schopenhauer toma um viés pessimista, uma vez que a felicidade é vista somente como uma quimera, sendo que, em contraponto, apenas a dor é real e o espetáculo da existência humana não passa de uma miséria cujo palco é um campo de carnificina.

Vê-se, assim, que tanto no hinduísmo quanto na filosofia de Arthur Schopenhauer os desejos possuem um papel importante e que se relacionam com o sofrimento existencial que inevitavelmente assola o ser humano e faz parte do mundo fenomênico. E tanto na religião abordada neste artigo como no sistema filosófico schopenhaueriano é possível também se conscientizar desse querer incessante e se desapegar dos desejos para que, conseqüentemente, seja possível se afastar do sofrimento.

### **Considerações finais**

Conforme observado, podem ser feitos vários paralelos entre a filosofia schopenhaueriana e o hinduísmo que, apesar de ser uma das religiões mais antigas da história, permanece sendo notavelmente influente em nossos tempos e continua se fazendo fortemente presente ao redor de todo o mundo. Em suma, podemos observar que há, de certa maneira, um mesmo pano de fundo que transita na obra magna de Arthur Schopenhauer e na interpretação hinduísta de mundo: existe algo por trás daquilo que aparece, algo velado, mas que pode ser percebido – seja esse algo Brahman, seja a Vontade. É curioso notar que nos dois casos, embora se trate de linguagens diferentes, sendo uma filosófica e a outra de cunho religioso, a ciência “fracassa” na medida em que estaciona no véu de Maya ou na representação e não penetra naquilo que lhe é inacessível e que é o que mais importa: o verdadeiro conteúdo do mundo e da

vida. Ademais, lembremos que tanto a filosofia de Arthur Schopenhauer quanto o hinduísmo compactuam com a ideia de que o desejo gera sofrimento e, a partir de tal constatação, concluem que a vida sempre será assolada pela dor, muito embora seja possível silenciar momentaneamente o desejo e, conseqüentemente, o corriqueiro sofrimento humano.

Tenha-se em mente que, além das relações feitas aqui, muitas outras podem ser exploradas, e não apenas no que diz respeito ao hinduísmo, sendo possível aproximar também o pensamento de Schopenhauer dos aspectos que compõem outras tradições, como, por exemplo, o budismo, que também influenciou o filósofo alemão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*Bhagavad Gita: A Mensagem do Mestre*. Tradução de: Francisco Valdomiro Lorenz. São Paulo: Pensamento, 2014.

NOTAKER, Henry. HELLERN, Victor. GAARDER, Jostein. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BARBOZA, Jair. *Schopenhauer e a Decifração do Enigma do Mundo*. São Paulo: Moderna, 1997.

BANSAL, Sunita. *Deuses e Deusas Hindus*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2008.

HEXHAM, Irving. *Concise Dictionary of Religion*. Calgary: Regent Publishing, 1999.

PRABHUPADA, Swami. *Bhagavad-gita as it is*. Londres: The Macmillan Limited, 2014.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução de: Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2013, 2 vols.

\_\_\_\_\_. *Sobre a Vontade na Natureza*. Tradução de: Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2015.

\_\_\_\_\_. *As Dores do Mundo*. Tradução de: José Souza de Oliveira. São Paulo: EDIPRO, 2014.

\_\_\_\_\_. *A Metafísica do Belo*. Tradução de: Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2001.